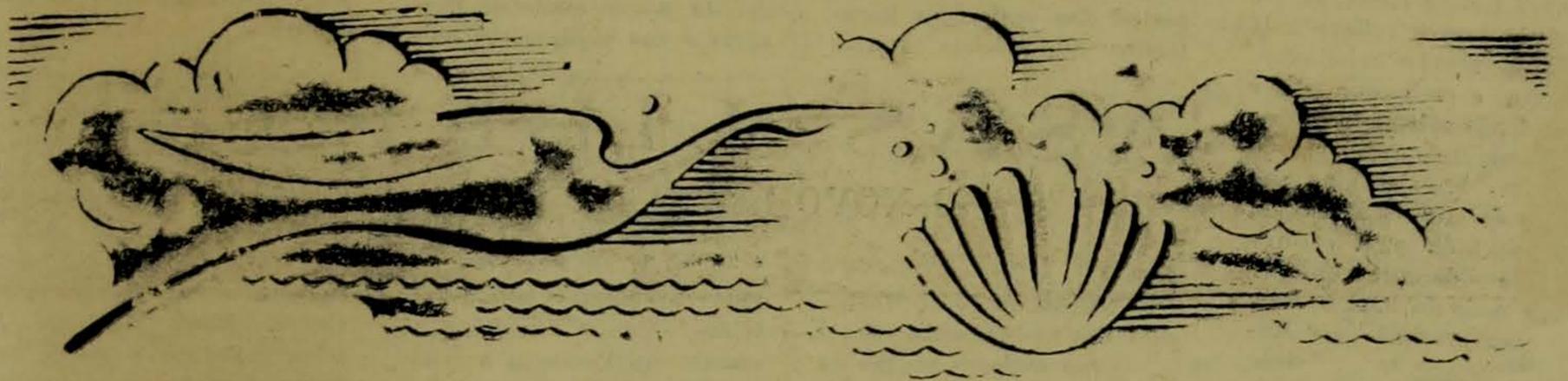


Correio das Artes

Ano I Número 38 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 11.12.1949



O SENTIDO LOCALISTA

ADALMIR DA CUNHA MIRANDA

NUM PEQUENO volume da coleção «Las Literaturas Americanas», da Faculdade de Filosofia de Buenos Aires, o ensaísta argentino Miguel Alfredo D'Elia estuda o sentido da terra na literatura brasileira. O critério que orienta a sua exposição é o de que as características regionais ou localistas que se acentuam e afirmam, definitivamente, no romance brasileiro do período pos-modernista, não são características geradas ou isoladas nesse período. «Conviene anticipar — diz o autor — que este conjunto de escritores en marcha hacia la conquista de una legitimidad indiscutible, no es una contingencia sin vínculos con el pasado». O conteúdo localista da obra de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Lins do Rêgo, Amado Fontes, Jorge Amado, conteúdo presente, também, em autores do momento, como James Amado ou Herberto Sales, é o resultado de um processo de gestação contínua e demorada, cujas raízes o ensaísta situa nos primórdios da história literária do Brasil.

Desenvolvendo a sua tese com inteligência crítica, Miguel Alfredo D'Elia faz incidir a nossa atenção sobre o germe do nativismo brasileiro que, a seu ver, está contido nos escritos de José

de Anchieta e, apoiado em Silvio Romero, lembra-nos a presença desse embrião no «Tratado Descritivo do Brasil em 1577», de Gabriel Soares de Soza na «Prosopopéia», de Bento Teixeira Pinto e em outras obras que não representam coisa alguma de essencialmente brasileiro, pois, naquele tempo, não possuíamos condições culturais definidas (entendida a palavra «cul-

tura» no sentido sociológico) e espirituais que permitissem, a existência de uma literatura espontaneamente brasileira, Gregório de Matos, Manuel Botelho de Oliveira, os poetas da Inconfidência Mineira, Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Macedo, Alencar, Taunay, Manoel Antonio de Almeida, Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, Euclides da Cunha, Lima Barre-

to, Monteiro Lobato e vários outros, constituem um conjunto através do qual se desenvolveu e definiu o sentido localista da literatura brasileira. E, se aparecem os autores de «Memórias de um Sargento de Milícias» e de «Recordações do Escrivão Isaias Caminha» nessa gradação responsável pelo caráter localista atual da ficção nacional é porque o ensaísta amplia, a meu ver acertadamente, o significado do vocábulo «localista», admitindo, tácitamente, como uma tendência geral dos nossos ficcionistas, um localismo urbano e um localismo imposto pela realidade telúrica da região dos engenhos, das culturas de cacáu, das secas, dos pampas e da Amazônia.

Como obra de divulgação, o ensaio de Miguel Alfredo D'Elia tem utilidade indiscutível. As suas considerações iniciais sobre o regionalismo e a imaginação pura, no romance, são convincentes pela conclusão a que levam de que a inspiração localista não pode ser responsável pela ausência de predicados universais em qualquer obra de ficção.

Por outra parte, é possível apontar, através do desenvolvimento da nossa história literária, uma constante localista que se reflete em diversos gêneros literários. No post-modernis-

SONETO

OSVALDINO MARQUES

*SE por ânsia de música me buscas
Evadida do teu país sitiado,
Meses e meses a correr, sob o arco
Da noite rural de carvão rude.*

*Se por me ouvires ao instrumento indocil
Cruzas fronteiras com água pelos seios,
Desces e sobes montanhas de silêncio
Sem jamais te cansares do horizonte.*

*Se pirâmides de cristal e areia
Desmoronam-se ao teu andar de vento,
O' irmã de olhar desmadrugado!*

*Dir-te-ei que só uma partitura
Sei, após tanto rigor e tanto estudo —
O submarino adágio do teu coroa!*

mo e nos dias atuais esse sentido é definitivo, consciente e, como observa Miguel Alfredo D'Elia, de modo insuspeito, ha sido el sentido localista, el amor a la tierra, la necesidad de traduzir en arte la lucha del hombre con su clima, lo que ha dado mayor relieve a la moderna novela brasileña». De fáto, e creio que não é imprudente afirmá-lo, e que de melhor tem produzido o romance brasileiro na sua tarefa de auto-valorização, fundamentada num esforço coerente de aproximar-se mais e mais do homem e da terra, compreendê-los e emprender a sua transposição para a novelística nacional, com estimável independência literária, está compreendido em livros de romancistas do período post-modernista.

O que me parece inconsistente, no ensaio em questão, é subordinar, arbitrariamente e superficialmente, o regionalismo dos autores post-modernistas ao localismo formal da literatura colonial ou ao localismo indianista de José de Alencar, exagerado, sem excluir a influência de correntes estrangeiras, o que era natural áquela época, e que por isso mesmo representa menos nativismo espontâneo do que preocupação e atitude. O critério horizontal pode filiar o regionalismo contemporâneo às manifestações nacionalistas de períodos anteriores da nossa formação literária. Será uma filiação por aparência e de importância relativa. Mas esse critério não pode prevalecer para quem pretenda realizar uma interpretação vertical da nossa evolução nas letras. Nesse caso, torna-se necessário deter-se e examinar, com o auxílio de um eficiente método de análise, quais as verdadeiras causas motrizes do sentido localista que tem impregnado a obra de vários autores brasileiros desde a época colonial. Colocar o produto do nacionalismo forçado, como uma atitude literária, no seu devido lugar.

As raízes do localismo post-modernista estão menos nessa filiação formal ao sentido localista que se esboça em José de Alencar e subsequentes, do que em circunstâncias materiais que determinaram o desenvolvimento e as transforma-

ções políticas e sociais que se fizeram sentir entre nós a partir de 1930, com um reflexo correspondente no pensamento e na ficção brasileiros. Nesse ponto «El Sentido de la Tierra en la Narrativa», de Miguel Alfredo D'Elia, permanece no campo das indicações puramente superficiais. Entre-

tanto, é justo reconhecer que não se pode exigir de um escritor estrangeiro essa interpretação da literatura brasileira. Os debates que o livro de Miguel Alfredo D'Elia pode suscitar atestam o seu valor. Uma interpretação em profundidade, da nossa evolução literária e dos verdadeiros mó-

veis do seu caráter localista é tarefa mais apropriada para um autor brasileiro que, depois do ponto de partida marcado por Nelson Werneck Sodré com os seus fundamentos econômicos da nossa literatura, poderá oferecer-nos um estudo amplo e detalhado sobre o assunto.

'ASAS LIBERTAS'

O NOVO LIVRO DE RAUL MACHADO

O NOME de Raul Machado é dos que figuram na relação dos maiores poetas do Brasil destes últimos cinquenta anos. É da linhagem espiritual de um Olavo Bilac, de um Raimundo Correia, de um Alberto de Oliveira, de um Vicente de Carvalho, para só citar alguns dos que mais alto elevaram a arte do verso nesta terra. Sobre os que morreram tem ele ainda a vantagem da resistência aos ímpetus embrutecedores do modernismo que pretendeu substituir a beleza das formas e do sentido pelo desalinho dos ritmos e o desrespeito ás galas do idioma. Nesse ponto Raul Machado pode ser apontado como um dos cimos da defesa do espírito brasileiro em face da subversão malograda. Toda a sua obra se distingue pela dignidade dos temas e pela pureza da intenção. Mestre do soneto, nesse genero é dos que produzem verdadeiras obras primas recolhidas

pelas antologias luso-brasileiras, porque tanto aqui quanto em Portugal a crítica é unanime em reconhecer-lhe o primado.

Autor de numerosas coleções de poemas, sempre recebidas com aplausos, Raul Machado dá-nos agora mais um volume a que deu o titulo de «Asas libertas». Como os anteriores, encerra este trabalho magnificos que encantam e fascinam. «Que maravilhosos versos, e, sobretudo, que, sonetos magistraes, em que renasce o sereno fulgor da alma florentina» escreveu dele um dia Julio Dantas, e esses conceitos se aplicam com justeza a esta nova produção que conserva a elegancia, o brilho, a nobreza de atitude e a força de alma do que Raul Machado vem compondo através do tempo para orgulho das letras brasileiras.

Magistrado integro, ministro, jurista emérito, escritor de prosa rica no pen-

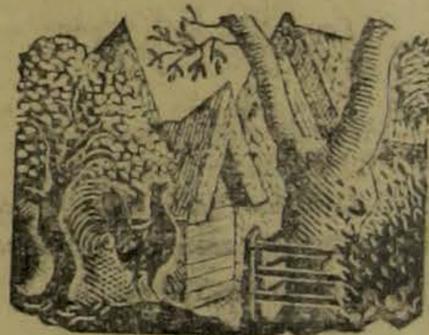
samento e nas linhas exteriores, Raul Machado é, principalmente o poeta soberbo, o cantor de sensibilidade aguda para as dores humanas e em cujas estrofes palpita um imenso coração.

O aparecimento de «Asas libertas» constitue assim, um justo motivo para que a literatura brasileira destes dias se regozije diante de mais um notavel triunfo e assinale o evento como dos maiores da nossa poetica. Livro verdadeiramente importante por todos os titulos é esse «Asas libertas», a pedir um lugar de honra em todas as estantes.



VERDADEIRA ARTE

LER um romance é um passatempo que todos pensam saber praticar. Mas a coisa não é tão facil assim. Tratar-se de verdadeira arte, com as suas regras, como o demonstra Walter Allen em seu livro "Roeding a Novel" (Phoenix House), em que dá a análise de seis livros modernos "como devem ser lidos".



XILOGRAVURA DE ERIC RAVILIOUS

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor — SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

Secretário de Redação

EDUARDO MARTINS

Redatores:

Carlos Romero — Dulcidio Moreira

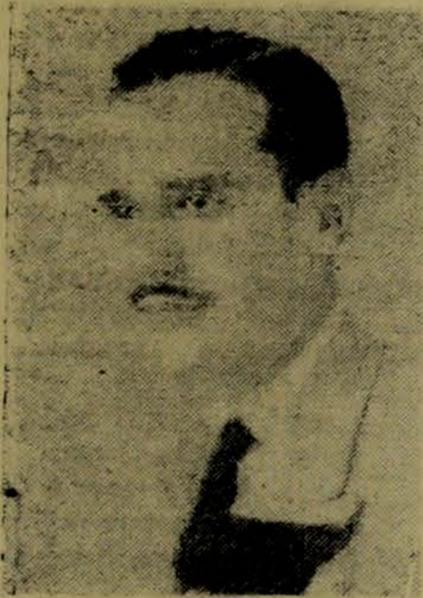
George Mattos — Juarez Batista

ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

MAURO MOTA

VII



MAURO MOTA, nasceu em Recife, em 1912. Aluno do Ginásio do Recife, concluiu o curso secundário na turma marcada pela presença de Alvaro Lins, a quem o liga ainda hoje uma amizade fraternal.

Formouse pela Faculdade de Direito do Recife em 1937.

Reside no Recife, exercendo simultaneamente duas profissões, a de professor de História e a de redator-secretário

do famoso "Diário de Pernambuco".

Há pouco mais de um ano, a morte de sua esposa, Hermantine Cortez Mota, desaparecida em plena força da juventude e em pleno sortilégio de uma invulgar beleza, reconquistou Mauro Mota para o exercício de uma poesia que antes não se fixava em papel naturalmente porque era a própria atmosfera de sua vida. A reacquirição, através da ausência, de uma presença amada, é a responsável pelos sonetos extraordinários que chamaram a atenção para este poeta pernambucano, tão dramaticamente marcado pela dor do luto e da perda amorosa, em versos pungentes e personalísimos. Oportunamente Mauro Mota reunirá em livros essa experiência em que o pranto e a dor atravessam a fronteira da arte, com "As Elegias".

ELEGIA Nº 1

Vejo-te morta. As brancas mãos pendentes.
Delas agora, sem querer, libertas
A alma dos gestos e, dos lábios quentes
Ainda, as frases pensadas só em certas

Tardes distantes. Sob as entreabertas
Pálpebras, sinto em teu olhar presentes
Mundos de imagens que às regiões desertas
Da morte levarás, que a morte sentes

Fria diante de todos os apelos.
Vejo-te morta. Viva a cabeleira,
Teus cabelos voando! ah! teus cabelos!

Gesto de desespero e despedida,
Para ficares de qualquer maneira
Pelos fios castanhos presa à vida.

ELEGIA Nº 2

Eterniso os teus últimos instantes,
Quero esquivar-te ao derradeiro arquejo;
Quero que, aos meus ouvidos, ainda cantes
Nossa velha canção de amor; desejo

Ter-te ao meu lado como tinha dantes.
Na fronte exausta do outro mundo um beijo
Sinto. Foi de tua alma. Bem distantes,
Seus cabelos castanhos soltos vejo.

Tinha a certeza de que voltarias.
Ouviste a minha voz e de mãos frias
Chegas ansiosa! (Foi tão longa a viagem!)

Que palidez na face! Inutilmente
Busco abraçar-te. Foges, que és somente
Sombra, perfume, ressonância, imagem.

ELEGIA Nº 3

De mim perto, bem perto, junto, unida
como nunca estiveste agora estás.
Foste e ficaste — estranha despedida,
reino de sombas, de silêncio e paz.

Tua presença é eterna, eterna a vida
que, feliz, para sempre, viverás.
Morta é a morte, levaste-a de vencida,
não nos separaremos nunca mais.

Quando chegar meu derradeiro instante,
ó noiva ausente num país distante,
nossos amigos todos ouvirão

vozes e cantos, música e abraços.
Dos fantasmas que formos nos espaços
será o encontro sem separação.

ELEGIA Nº 4

Passos incertos sôbre as lages frias,
sigo em busca de ti, sigo à procura
do tumulto de vida de outros dias,
que foi contigo para a sepultura.

Sinto, na solidão da noite escura,
que, de onde estás, não me abandonas; guias,
e que vais ao meu lado de alma pura
como nos tempos que morreram já.

Amo-te mais depois que foste embora.
Nas lages frias, meus incertos passos.
Deixas de ser a eterna ausente agora.

Vejo que chegas linda dos espaços
e eu vou contigo pela vida afora
conduzindo a tua alma nos meus braços.

O TEMPO DA ESFINGE

AS «CONSTANTES GENÉRICAS»

FAUSTO CUNHA

MMORMENTE nos poetas novos, é difícil determinar-se onde acaba a técnica e começa o desequilíbrio. Enquanto os artigos se fazem e se enriquecem com a absorção de novos recursos — embora tão velhos quanto eles — e encontram na experiência um meio de pelo menos manterem o mesmo nível qualitativo, os jovens ainda não ultrapassaram o período de experimento de forças, muitos se destacam por um domínio exclusivamente exterior da composição e não poucos se afirmam pelas suas próprias deficiências. Quando aludo a desequilíbrio, não quero significar o desequilíbrio literário apenas, a incerteza de roteiros, a carência de normas, o desnor-

mento coletivo, senão também um desequilíbrio psicológico, espécie de neurose que, sob múltiplos aspectos, intervém nas obras e se abeira da exploração de subprodutos mentais para caracterização da personalidade literária. Os reflexos são tão evidentes, os efeitos são tão lógicos que é impossível discriminá-los sem tombar na repetição.

Tal é a frequência das influências temáticas, que por vezes se tem a impressão de que os poemas são abertos a gaza, são arrastados a poder de palavras-chave. O tempo e a morte, por exemplo, puros ou transubstanciados, estabelecem alicerces na jovem poesia e comunicam-lhe uma inquietação que muito se apropria-

qua da desorientação. O amor idílico vai cedendo praça a um erotismo doentio, e por mais que nos enerve a adamantização da morte pelos parnasianos, simbolistas ou românticos, não podemos deixar de observar a dubiedade com que a poesia moça encara esse evento, dissociando-o violentamente e criando a morte como elemento de composição e a morte como acontecimento físico, não antagônicas senão irreconhecíveis entre si. De um lado a técnica manipulando o tema inerte e do outro a fuga pela aproximação obstinada. O tempo é a castália das amarguras e, simultaneamente, o refúgio onde, mediante simples apelo, se solucionam os problemas.

Entretanto, não é fácil saber até onde esse tempo e essa morte exprimem a realidade de um estado individual e de que ponto em diante passam a emergir de mero jogo vocabular, aceitos como convenção pela coletividade para a armação do «background» poético e obtenção de efeitos fáceis indubitavelmente de ordem poética. O tempo e a morte seriam, assim, tanto a esquematização da inquietude reinante, do estado de espírito de uma geração que vacila e se atonia — como simples fenômeno de generalização, recurso ilustrativo alienável, sólido pedestal para as imagens frenéticas. Terão neste caso, a valência poética de outras tantas imagens e temas, substantivos comuns, que por tal forma se habituaram a frequentar os poemas que lhes cabe outro nome que o de «CONSTANTES GENÉRICAS». A quem quer que leia poesia não terá escapado a assiduidade do «pássaro», das «algas», da «criança», («a criança morta», «a criança afogada», etc.) e de assuntos absolutamente banais, de todo o ponto individuais, orações de visualizações momentâneas, mas que tendem à reprodu-

ção por partenogênese, graças à atração exercida pelo efeito fácil. Daí a propagação em massa das «CONSTANTES» (que, a seu turno, já são também uma constante) tais como os «olhos», as «mãos», a «rosa», o «espelho», a «face», o «mistério», o «mar», a «canção», a «estréla», o «vôo», a «maternidade», o «gesto», a «ausência», a «nuvem», o «rio», os noturnos, a vários mais, que seria ocioso enumerar. Por mais abstrusos e ousados que sejam os adjetivos que as acompanhem, a estandardização não sofre dissonâncias, e esses qualificativos, chocantes, inesperados, até mesmo absurdos, contribuem a carregar as tintas da padronização e por sua parte se transformam em adornos logo mais inócuos, terrivelmente uniformes.

Isso se manifesta não só nas palavras, nos temas, nas imagens, como até mesmo nos gêneros — e eis aí a ELEGIA que, pela simples sonoridade de suas sílabas, pelo magnetismo do vocábulo em si, atrai a maioria dos poetas jovens, que a empregam a qualquer pretexto, utilizando-a como título mágico, numa independência de concepção que serve apenas de justificativa à ausência de conteúdo verdadeiramente elegiaco em tais elegias. A elegia parece estar ocupando na poesia modernista o lugar que o soneto ocupava na poesia «passadista» e, conquanto seja cada vez mais acentuado o retorno ao soneto, este amiúde volta com o rótulo de elegia. O modernismo está-se enchendo de lugares-comuns equivalentes aos que infestavam o parnasianismo. Há um exagero de expansão, como havia antes de 22 um excesso de retração, esse exagero pode levar à perda do senso poético. Não são menores que os do academismo os perigos do absolutismo artístico.

PINTURA PORTUGUESA



ARTUR BARBOSA DA FONSECA — PINTURA SACRA

ARUEIRA

Conto de SEBASTIÃO SOARES CINTRA

A fazenda amanheceu em reboleço. Todos os moradores eram dominados por uma ansiedade estranha. Aquêlê domingo assinalava, sem dúvida, um acontecimento inesperado. Até mesmo Augusto, o agregado de vinte e seis anos, pessoa íntima da casa, figurando já como elemento integrante da família, mercê da convivência, apresentava visíveis sintomas de insatisfação.

Uma mudança geral caracterizava-se na fisionomia de todos. E era como se o luto imperasse ali em todas as almas...

A fazenda Arueira atavessava, ultimamente, uma fase aguda na sua vida. Não possuía mais aquêlê ambiente bom e convidativo onde os caboclos da terra se enarvoravam da convivência.

Uma espécie de desordem, de caos econômico e imprevisível apoderara-se do talfo. E a fazenda do coronel Eugênio — como lhe chamavam — entrava em franca e lamentável decadência.

Augusto, o empregado antigo, que veio do começo da administração do coronel Eugênio, que ajudara a criar a família na casa e assistia à morte de D. Neêmia, o pairoz inesquecível, elemento indispensável à faina diária, digno de confiança, via, finalmente, morrerem-lhe as virtudes venerandas, suas cotidianidades indispensáveis de col' a dia de trabalho.

Ele nunca havia se apresentado tão retraído, tão fechado, sem aquela espontaneidade de comunicação — traço característico de sua personalidade cabocla.

Nem mesmo o coronel Eugênio, o dono da fazenda e de todos, a figura central da redondeza, estava profundamente mudado. Augusto, êsse sim, superava a todos na sua manifesta inconformação. E encarava a situação dominante como sendo esta uma fatalidade, um abismo que, de chofre, abrira-se na estrada esperançosa de sua vida.

Filho das plagas nordestinas, nascera de pais lavradores. E herdara as qualidades povoadoras. Há muito entregara-se à agricultura. Era começar a estação invernososa, subir o primeiro cheiro de tilha molhada, cheiro que estimula energias e desperta sensações agradáveis, e êle metia a enxada na terra, preparando-a para receber sementes.

Todos os anos pedia ao coronel para fazer o seu roçado à parte, independentemente. E o coronel, todas as vezes, lhe deferia êsse pedido. Augusto merecia-lhe uma atenção especial.

Fazia gosto ver-se o caboclo trabalhando no seu próprio roçado de um bom tamanho, geralmente dois quadros de cincoentas braças de lado, nú da cinzara pra cima, uma enxada enorme nas mãos possuindo, às horas e horas curvado sobre a terra devorando matos com uma disposição desafiadora.

Naquela manhã do mingueira a situação artingira o auge. As coisas de há muito haviam se precipitado de sordenadamente, por falta de alcance administrativo. Houve quem relutasse para que o coronel abrisse mão do empréstimo.

— Para que êsse dinheiro todo? Os outros não estão vivendo sem recorrer aos estabelecimentos bancários?

Agora, de qualquer modo, era preciso que se pusesse um ponto final nessa descida econômica por onde a Arueira se precipitava inopinadamente.

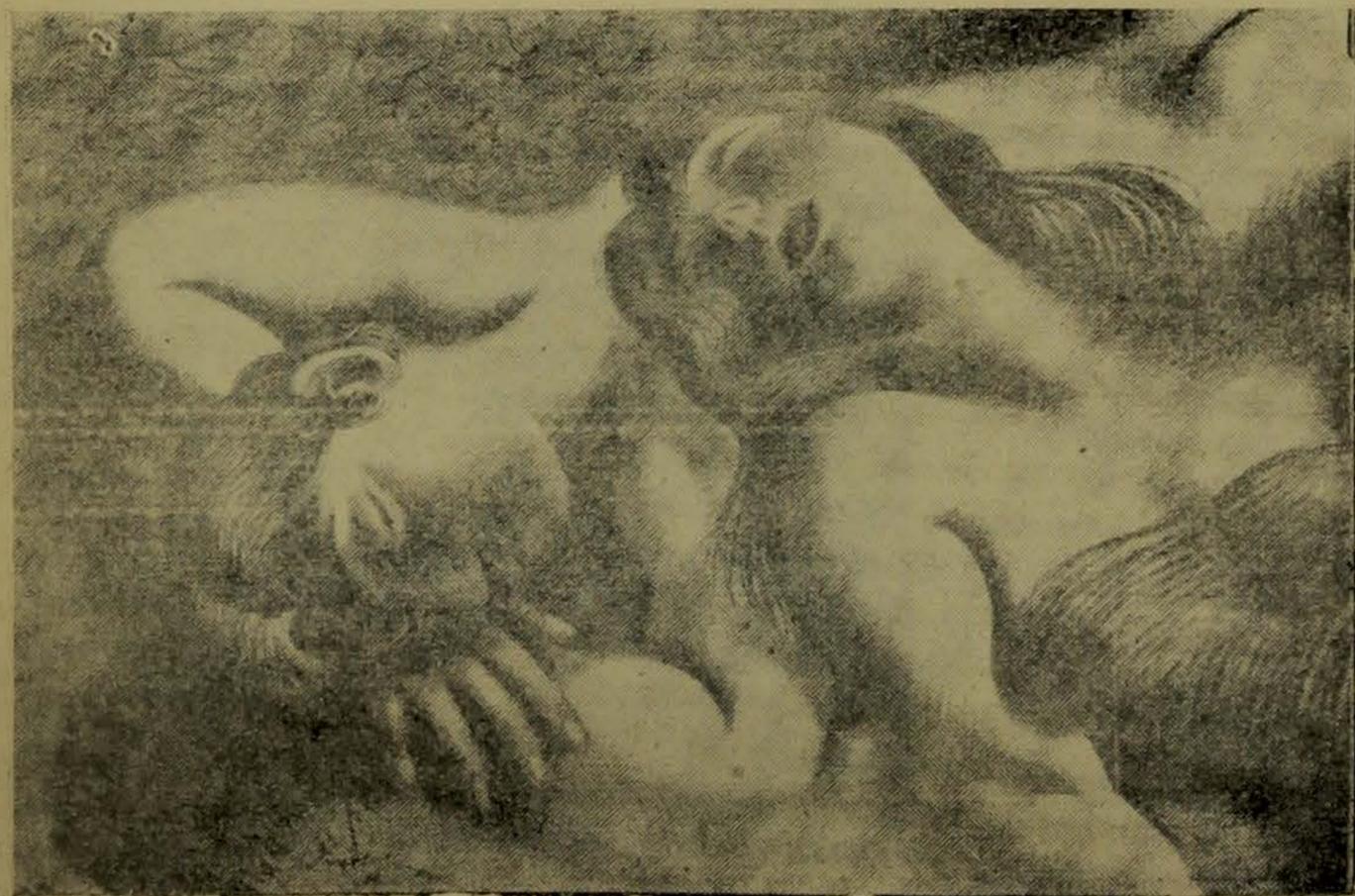
— Já estou velho, cansado, no fim da vida... — asseverava maquinalmente o coronel, quando alguém o interrogava sobre o abandono que reinava na fazenda, dominava os rebanhos e enervava a alma dos moradores.

E tudo ia de água a baixo, sem que u'a mão salvadora e enérgica pusesse termo à êsse desmandado.

Augusto, apesar das contrariedades que a situação lhe oferecia, ainda era o mesmo de sempre: pontual, zeloso, assíduo no trabalho. Acorrava-se como de costume e era o primeiro a iniciar-se na labuta diária. De há muito o coronel entregara-lhe o destino do galfo. E êle sabia como ninguém, corresponder à essa confiança.

Fingia não o coronel decidira-se a uma explicação pouca à respeito da situação. Nada mais tinha a esconder, ante aquela curiosidade geral

PINTURA PORTUGUESA



JOSÉ ALMADA NEGREIROS — DESENHO

dos moradores. Dessa hora em diante tudo ficaria liquidado. Um ponto final nessa desfilada de incoerência.

Sim. Era preciso pôr termo á curiosidade de quantos habitavam a Arueira. Por que fingimento? Por que êsse ténue véu de simulação criminosa que dá á realidade uma roupagem fictícia, se a sua consistência é demasiado vulnerável ao mais leve raciocínio?

Basta. Nem mais um passo á frente. É preciso rasgar êsse véu aparentemente illusório.

Os moradores querem saber a causa de tudo, êsse desprêso pelas coisas da fazenda. Querem uma explicação para êsse indiferentismo nefasto. É justa a exigência. Sim, o coronel vai falar aos moradores, aos que lhe prestam inestimáveis serviços quotidianamente. Vai externar o que êles ha muito reclamam com uma curiosidade gritante, com um silêncio prescrutador. Vai dizer algo de extraordinário a respeito da Arueira.

Domingo. O relógio dá doze solenes badaladas e enche a casa grande da fazenda de uma harmonia triste. Um som paira no ar e penetra todas as almas, impregnando-as de uma emoção tola e fugaz.

Todos haviam recebido o convite, na véspera. E então estavam ali na sala da principal venda da Arueira, atentos para ouvir as palavras do amo.

Dia de emoção para os moradores. Em cada olhar refletia-se a ansiedade interior; em cada semblante, uma sombra de dúvida, um traço pujante de forte interrogação...

O coronel Eugênio surge diante de todos, na sala ampla. Os olhares convergem, á um só tempo, para a sua respeitável figura. Todos se erguem ao mesmo tempo,

em sinal de reverência. E êle faz com a mão um movimento mandando-os ficar á vontade.

Silêncio. Toda uma ordem de coisas vai culminar agora com os minutos dessa resolução final. Daí em diante surgirão, por certo, novas perspectivas para os moradores. Uma explicação acalmará agora todas as almas. Atenção. Sôa a hora suprema. O coronel Eugênio vai falar.

O dono da Arueira passa a mão nos bigodes, alizando-os maquinalmente. Pigarreea. Á sua fisionomia de viúvo reveste-se então de uma palidez emotiva. Os gestos mansos e raros justificam-lhe, antecipadamente, a atitude serena imperturbável prestes a desatar-se em palavras francas...

E começa, o olhar fixo em frente, o feixe visual indo morrer sobre Augusto — a figura central naquela disposição de homens, na ampla sala. Fala em tom pausado, a voz meia cortada, deveras emocionado. E eis o bom termo á uma incompreensão que durou meses a fio.

Inicia o coronel Eugênio justificando sua atitude silenciosa, passiva durante meses, em relação aos destinos da Arueira. Lembra os planos salvadores que trariam felicidade para

todos: aquisição de novos rebanhos e desbravamento das terras em larga escala, para a cultura do algodão. Traz ao conhecimento dos moradores a causa original da ruína que victimara a fazenda: a questão do empréstimo — a antiga e malfadada questão do empréstimo. Põe em evidência a desvalorização recente dos rebanhos que comprara á preço elevado, e uma queda sensível no mercado algodoeiro.

Não! Não adianta prosseguir. Para quê? Seria uma estupidez ir ao encontro de um prejuízo fatal.

O flagêlo econômico que adveio dessa situação periclitante culminara, agora com o hipoteca da propriedade. Sim, a hipoteca em si mesma, inequívoca, inexpugnável, como queriam os representantes do estabelecimento bancário.

Mizéria, decepção. Planos infrutíferos que redundaram todos no colapso econômico de um opulento fazendeiro. A Arueira passaria agora para as mãos dos senhores do Banco. E pronto. Tudo liquidado. Só falava, então, a expiração do prazo de vencimento da dívida, para a entrega da terra.

Em resumo: uma centena de contos de réis pusera tudo no fogo. E eis o que resta — o las-

tro da propriedade, a terra, a terra como o tempo a conservara no esquecimento do coronel Eugênio, o "casco", o "cadáver", ainda cheio de possibilidades — melhor irremovível nessa transação suicida com o Banco.

O coronel faz uma pausa. Os convidados atentos, olham-no intangivelmente. Ele recomeça. Agora é para dizer que todos os moradores terão assegurados os seus direitos. Ninguém perderia o que tinha. Não! Êle, o coronel Eugênio, saberia pôr em pratica a sua intenção. Nesse sentido, êles contactassem com o seu opôio franco e decidido. Identificaria os haveres de cada um, antes que a Arueira passasse para o domínio de seus credores.

A pouco e pouco os moradores foram deixando a propriedade, em busca de seus velhos convívios. Jam-se cheios de saudade da Arueira, da vida larga e bôa que aí viveram.

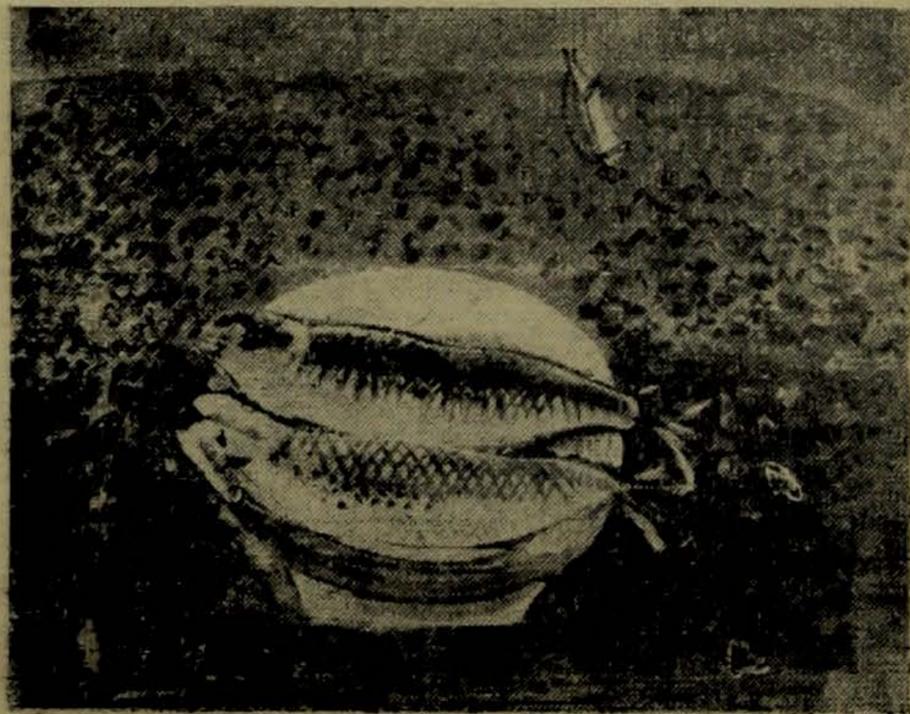
— Adeus, seu coronel...

Últimas despedidas. Hora solene, quando o coração se povoa de melancolia. Um olhar contemplativo á paisagem aberta, enamorado das colinas — culminância vetusta do panorama que se ia ficando.

Um mundo cheio de recordações, vivido e sentido por aquelas almas, ficava á distância, talvez para sempre. E á frente, um horizonte desconhecido, intocável, cheio de quimeras, prêso á mil cogitações: coisas da vida.

Finalmente chegara a vez de Augusto o veterano de longos anos de trabalhos, braço direito do coronel Eugênio. Depois de vinte anos de incessante labuta, já afeito á faina costumeira, acostumado ao ambiente da fazenda, iria, afinal deixar de uma vez a sua inesquecível Arueira.

(Conclue na página 14)



DESENHO DE RAUL DUFY

CÂNTICO NEGRO

JOSÉ REGIO

“VEM por aqui!” — dizem-me alguns com olhos doces,
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom que eu os ouvisse
 Quando me dizem: «Vem por aqui!»
 Eu olho-os com olhos lassos.
 (Há nos meus olhos ironias e cansaços)
 E cruzo os braços
 E nunca vou por ali...

A minha glória é essa:
 Criar desumanidade.
 Não acompanhar ninguém.

— Que eu vivo com o mesmo sem vontade
 Com que rasguei o ventre á minha mãe.

Não! Não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ás coisas que eu pergunto (em vão!) ninguém responde,
 Por que me dizeis vós: — Vem por aqui?
 Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar, aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí...

Se eu vim ao mundo, foi
 Só para desflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada.
 O mais que eu faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
 Que me dareis machados, ferramentas e coragem
 Para eu derrotar os meus obstáculos?
 Corre nas vossas veias sangue velho dos avós,
 E vós amais o que é fácil...
 Eu amo o Longe a Miragem,
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
 Tendes jardins, tendes canteiros,
 Tendes Pátrias, tendes tetos,
 E tendes livros, e tratados, e filósofos, e sábios.

Eu tenho a minha loucura;
 Levanto-a como um facho, a arder na noite escura,
 E sinto espuma e sangue e cânticos nos lábios!

Deus e o Diábo é que me guiam, mais ninguém!
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe:
 Mas eu, que nunca princípio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diábo.

Ah! que ninguém me dê piedosas intenções.
 Ninguém me peça definições.
 Ninguém me diga «Vem por aqui!»
 A minha vida é um vendaval que se soltou,
 É uma onda que se levantou,
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou.
 Não sei por onde vou.
 — Sei que não vou por aí.

Poemas de Carminha Gouthier

MURILO MENDES referiu-se do seguinte modo a respeito da poetisa Carminha Gouthier, mineira de Mariana:

«Isolada no severo ambiente das montanhas de Mariana, a autora do já terminado «Canto do Peregrino» trabalha seus poemas com apuro, sem pressa de reuni-los em livro. Ausente das capelas, literárias realiza uma vida de meditação e aprofundamento interior que é dada a poucos no Brasil moderno. A cidade dos prelados ilustres, a cidade onde o grande Alphonsus viveu longos anos de sua vida e onde repousa no alto da colina, permite que Carminha Gouthier se desvie do efêmero, captando em versos de grande ressonância a parte essencial da nossa vida do espírito».

UM SIMBOLO FAREI

Dia e noite choram minhas vestes,
roçaram muros sombrios
aguas estagnadas,
tingidas já foram nos sete pecados.

Dia e noite tecem ôs anjos veste branca
nos brancos teares da eternidade.

O Senhor me dará porque eu amo,
O Senhor me dará porque diante dos olhos tenho
a soma dos meus erros,
a multidão das Suas misericórdias.

O Senhor, me dará a veste nova
de lã alvejada no dorso das nuvens

Na lã alvejada um simbolo farei.
Sem ouro, sem tinta,
um simbolo farei.

SOBRE OS TELHADOS DO MUNDO

Inutil esta parede fria e próxima.
E este teto indiferente e surdo,
além do qual ha sempre passáros que fogem
ou uma estrela que espera.

Inutil o contôrno da mesa em que escrevo,
mesa de pés fincados nos quatro pontos cardiais
chão de barco invadindo o segredo das aguas,
ponte jogada às mensagens perdidas.

Inutil esta hora vencida
na fria hostilidade dos mostradores.
Ontem hoje amanhã
tudo é raiz de eternidade.

Inutil a medida do meu corpo.
O coração foi estendido como lage sonora
sob os pés de todas as criaturas
e minhas mãos alcançam os telhados do mundo.

Noticias

«ALGUNS INGLESES»

«ALGUNS Ingleses» é o título do livro em que Laurenio Lima reuniu vários ensaios sobre poetas e ficcionistas ingleses. O volume está programado para 1950. Laurenio Lima, que é um dos diretores da revista «Região» (Recife), encontra-se presentemente no Rio, onde permanecerá cerca de dois meses.

REVOLUÇÃO PRAIEIRA

ESCOLHIDA no concurso da Editorial Vitória, a «História Popular da Revolução Praieira» de Fernando Segismundo, acaba de ser lançada por aquela popular editora.

O autor, que já obtivera sucesso com empreendimentos semelhantes relativos a outras figuras e fatos da vida nacional, serviu-se de

uma relevante documentação bibliográfica e, sob determinada orientação contou, em linguagem clara, o movimento revolucionário de 1848 em Pernambuco

A DOENÇA DE CASTRO ALVES

LOURIVAL RIBEIRO, médico e estudioso de assuntos sociais, históricos e literários, especialmente dos que se relacionam com a tuberculose no Brasil, publicou um ensaio sobre «A doença de Castro Alves».

Através das biografias e dos próprios livros do poeta, o autor toma para estudo a doença romantica que consumiu o genial baiano, mostrando a influência por ela exercida na poesia de Castro Alves

NOVO BOLETIM: «STUDIUM»

UMA NOVA revista bi

biográfica: «Studium», publicada pelos Livreiros Editores Saraiva, de São Paulo.

Figuram entre os redatores e colaboradores nomes dentre os mais ilustres da literatura.

Como se vê do primeiro número, não se restringe a uma propaganda direta ou indireta das edições da casa mas, ao contrário, se recheia de muita leitura interessante e divulgação bibliográfica bastante ampla.

TRILOGIA DA INTELIGENCIA

RECEBENDO, das mãos de Georges Duhamel, a espada de membro da Academia Francesa, Charles Morgan finalizou um pequeno discurso pronunciado na ocasião dizendo:

— Há três coisas às quais eu quisera poder dizer quando a morte viesse — permaneci fiel; é primei-

ramente a recusa de submeter minha arte a qualquer consideração que não seja estética; minha fidelidade à Inglaterra, e meu amor à França.

ARTES PLÁSTICAS

JOSÉ SIMEÃO LEAL, diretor da revista «Cultura», editada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, publicará dentro de breve, uma revista quadrimensal dedicada tão só às artes plásticas. Esta revista, tendo em vista o bom gosto e o critério seletivo com que é feito «Cultura», é de se esperar que venha a preencher uma lacuna deploravel nas nossas edições plásticas. Este periódico não só conterá artigos dos melhores críticos nacionais como de autoridades internacionais, tais como Herbert Read, Bernard Dorival, Jgan Cassou e outros.

RUAS E MUROS DE MANÁUS

JURANDYR SALES

MANÁUS — Novembro — Escreveu José Leal no suplemento literário CORREIO DAS ARTES, do jornal "A União", de João Pessoa Paraíba, um bem equilibrado artigo em que lembra a fisionomia da cidade paraibana, nos seus muros, prédios históricos e velhos casarões sobrados dos tempos coloniais, como uma crônica de épocas passadas. Preciso e interessante é esse artigo do sr. José Leal, ventilando aspectos das coisas daquela terra. E foi a desenvoltura do mesmo, na sua originalidade e feitura, que nos aguçou o pensamento e nos fez lembrar um estudo de investigação que é pouco recordado e nos pertence em todo o seu conteúdo.

A elaboração sistemática da história das ruas, muros, avenidas, praças de Manaus, encontrou o seu intérprete no professor Mário Ypiranga, que já nos tem dado forte demonstração da sua capacidade intelectual, ora na palavra escrita, ora na palavra falada, onde o seu valor o conduziu aos píncaros da glória acadêmica.

Possamos despercebido — se não formos buscar no fundo da história regional com acuidade de observador — como nasceu a eloquência de um sobrado principesco desta rua, daquela avenida ou o nome de uma praça pública. Todavia, e já vai para algum tempo, Mário Ypiranga fez publicar, em 1945, no "Jornal do Comércio", a história das ruas de Manaus. A cidade por dentro em recuados anos, em dias de fausto e de formação; a cidade com seus carros de bois; com igarapé dos Remédios e não edifício Ajuricaba; sair com cemitério São

José e não o suntuoso e aristocrático Rio Negro Clube.

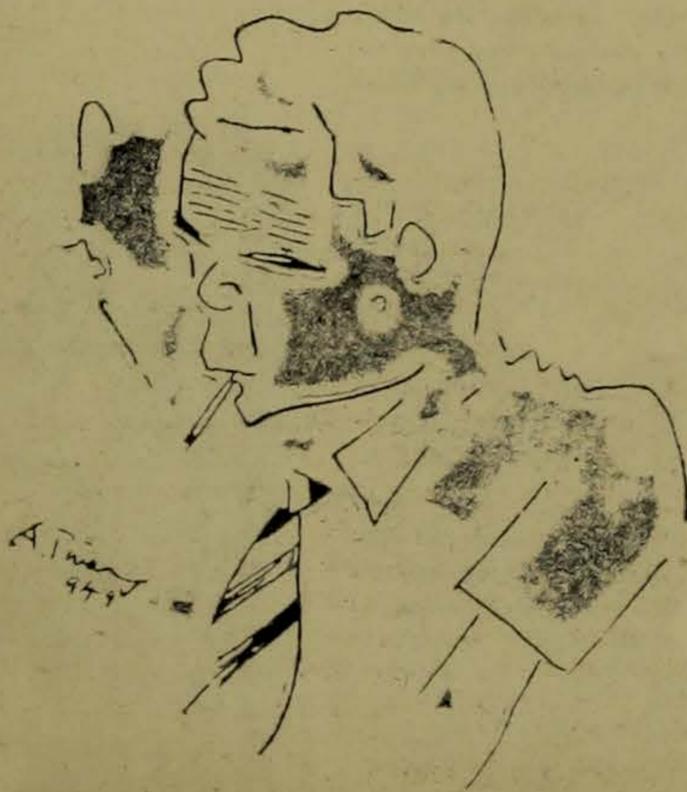
Gerações foram passando; crianças que se tornaram homens; revoltas políticas e administrativas. E continuamos a passar calmamente pelas ruas da cidade sem que nos interesse o desenvolvimento daquela via pública. E vamos assim passando pela vaidade humana e aqueles marcos vão ficando. Ignorados pelo orgulho social e vaidades das coisas transitórias os alicerces do antigo edifício vivem a sua vida de ruínas. Ruínas que falam da vida de homens célebres do Amazonas passado. Edifícios que sentiram nos seus salões de honra o eco de vozes de ouro, confissões de amor, passos lentos ou apressados de governadores, poetas, sociólogos, jornalistas, dinastas, estudantes e artistas internacionais. Governadores que fizeram ganhar mundo a fôra o nome do Amazo-

nas, e fundaram Manaus na sua beleza de cidade moderna, com o maranhense de origem amazonense de coração que foi Eduardo Ribeiro, Poetas que sentiram inspiração na exuberância da nossa terra na natureza dadasa sem semivarenta; na polietromia das nossas matas; na história triste de imigrantes inadaptados; na bravura do seringueiro solitário em meio da floresta violenta e por vezes agressiva forte e cheia de laivos; nas cominhadas longas por veredas ingratas, no tapiro perdido nos meandros amazônicos; nos dramas sombrios de seringueiros longínquos. Esse sonhador grafou em versos maviolos capítulos da vida de homens que desapareceram na viagem de noites alegres ou de dias de trabalho exaustivo. Lá, nos Bilhares, aqui ou ali, nos subúrbios ou em recantos de ruas, ainda se vêem alguns sinais de construções de outrora. Um

Meranhão Sobrinho que ficou em última morada — dormindo o sono derradeiro em pagos amazonenses; Alfredo Ladisláu e Araújo Lima, o primeiro cantando a beleza excessiva das coisas amazonenses e o segundo, analisando a gente e os fenômenos sociais do Vale. Euclides da Cunha, Raimundo Moraes e outros que interpretaram a região em seus diversos ângulos. Artistas como De Angelis — cuja glória ficou imperecível nos painéis imortais do nosso famoso Teatro. Artistas do pincel, do canto, do bailado, da declamação. Mulheres de Paris, Viena, Madrid. Era Manaus do passado.

Ainda sobrevivem velhos sinais do casarão dos Bilhares do qual nos contam histórias trepidantes de tempos que já vão longe. Contam que ali, naquela casa, hoje apenas ruínas, havia um bilhar e daí o nome singular que viria significar um bairro posteriormente. Ali muitos perdiam o pensamento, o dinheiro, a vida...

Não fôsse Mário Ypiranga não teríamos ainda a crônica das ruas da cidade velha; essa história das ruas, avenidas, alamedas e recantos de Manaus. Histórias das praças, casarões, muros palacêtes. As cidades têm a sua fisionomia, como José Leal, fisionomia de que foi e do que é nos dias de hoje.



O jornalista Antonio Camelo, redator do «Diário de Pernambuco», visto pelo professor Arsenio Tavares


PERFIL

HELIO DIAMANTE, nome conhecido nas páginas literárias da capital do país, escreveu, com segurança de conhecedor e bom gosto, um ensaio «Perfil de Amadeu Amaral».

“O DESERTO E OS NÚMEROS”

CAMPOMIZZI FILHO

A NOVA geração se vêm fazendo impressionar nos setores intelectuais brasileiros pelo alto sentido de renovação que vem imprimindo às nossas letras. De todos os quadrantes nos chegam as mensagens desses moços que, preocupados com os problemas da arte e procurando atingir um nível de perfeição, debatem-se por conseguir na forma e no conteúdo meios capazes de traduzir melhor os anseios de cada um. E as revistas e os jornais se sucedem num número bem expressivo de veículos às experiências moças, deixando de lado os figurões para que brilhem os jovens nos suplementos e nas revistas como o que de mais atual existe na literatura.

Em poemas e contos, em ensaios e romances, a nova geração vem impondo valores, incorporando definitivamente ao ambiente literário novos e expressivos nomes que se apresentam ao público já vitoriosos nas suas estréias e já importantes pelos trabalhos divulgados.

E se ha excessos, naturalmente próprios dessa busca de perfeição, representam apenas o esforço despendido em superar os modelos antigos. Daí o esboço de luta entre duas gerações, uma que vem surgindo na força dos seus valores novos e outra que está no ocaso, salvando-se uns poucos que se mantiveram pelo indiscutível das obras realizadas.

Ha uma renovação literária. Os poemas e os romances atestam esse vigor, evidenciando que os novos têm os olhos voltados às coisas sérias, esquecendo um pouco a violencia da política e os rigores das disenças para intrometer-se pela aventura intelectual. Ainda agora nos chega, em edição simpática revista «Orfeu», essa maravilhosa coletânea de poemas de Edson Regis, «O Deserto e os Números», revelando ao público a pujança de um poeta que sabe transmitir bem todo o sentimento que lhe invade a alma. Observador e dotado de um lirismo profundo, convence pelo entu-

siasmo de suas estrofes e atinge uma culminância poética que o situa num lugar de destaque entre os jovens autores. Vários dos poemas ora enfeitados no volume já foram publicados em «Orfeu», dando-lhe uma justa evidencia que antecipou o sucesso dessa estreia consagradora.

A sua poesia é simples e vigorosa. Há tristeza em alguns poemas e um simbolismo marcante em sonetos bons, mostrando que o autor, vitorioso em «O Deserto e os Números», prosseguirá numa trajetória que lhe garante permanecer como figura de prôa da atual geração. Existe em seus verso a preocupação do perfeito. E o poeta mesmo reconhece:

Não terei a pressa
que aniquila o verso.
Na manhã presente
a flor talvez não seja
como anunciaram.

Alguem chamou alguns dos novos de flores de estufa, afirmando talvez que muitos dos jovens autores nos falem em tons meramente artificiais. Mas tal não se dá com Edson Regis. A sua poesia está impregnada de encanto e tem uma espontaneidade sublime, falando das suas experiências e dos seus anseios, evocando quadros da cidadezinha distante ou serenatas líricas perdidas no tempo:

Uma canção singela nesta
[noite
tomou-me todo misteriosa-
[mente:
foi a canção que ouvi ha
[muitos anos
na vila onde passei a mi-
[nha infancia.

É difícil precisar os melhores poemas desse caderno. São todos de um mesmo alto nível:

Quando as aguas do rio
de longe trazem fantasmas
as virgens não têm socego:
O mundo não vale o rio,
os fantasmas viram gente,
os sonhos viram palavras.

O poeta tem especial predileção pelo mar. E muito nos diz das coisas oceanicas, cantando em versos delicados paisagens colhidas na angustia das viagens ou na alegria do roteiro atingido.

A poesia de Edson Regis reunida agora em volume veio trazer ao grande público um dos mais dignos representantes de nossa moderna literatura. E se

nos encantamos com os seus trabalhos esparsos pelos suplementos e pela revistas, «O Deserto e os Números» veio firmar melhor o seu nome, exigindo-lhe novos poemas e novos volumes. Porque o autor, conseguindo atingir a poesia, tem obrigação de continuar revelando ao leitor a grandezza da sua arte.

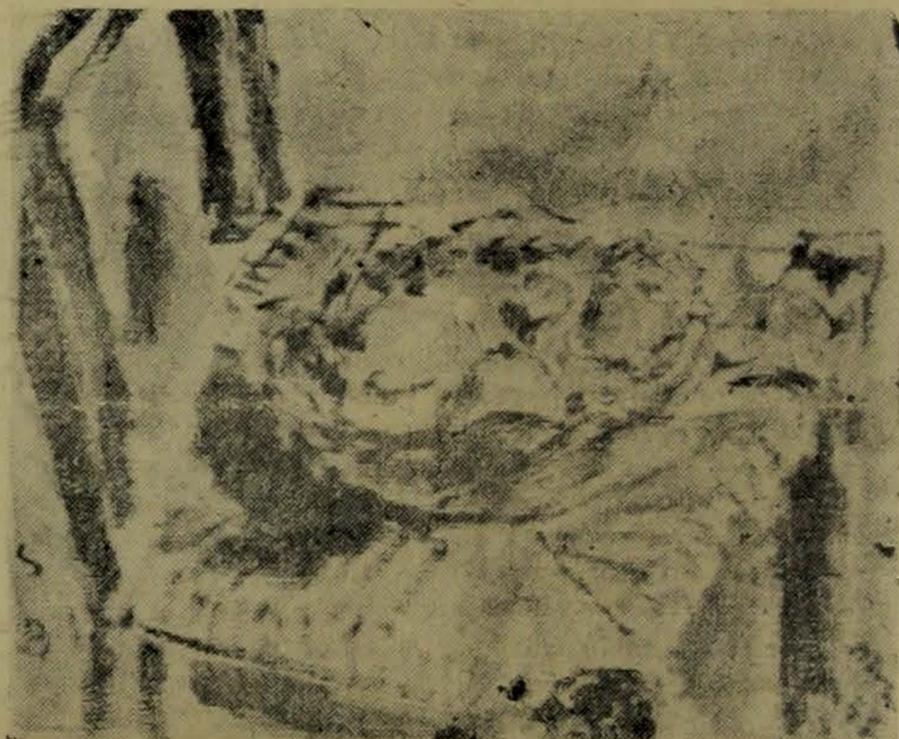
UBÁ — MINAS GERAIS

M O R T E

MURILO MENDES

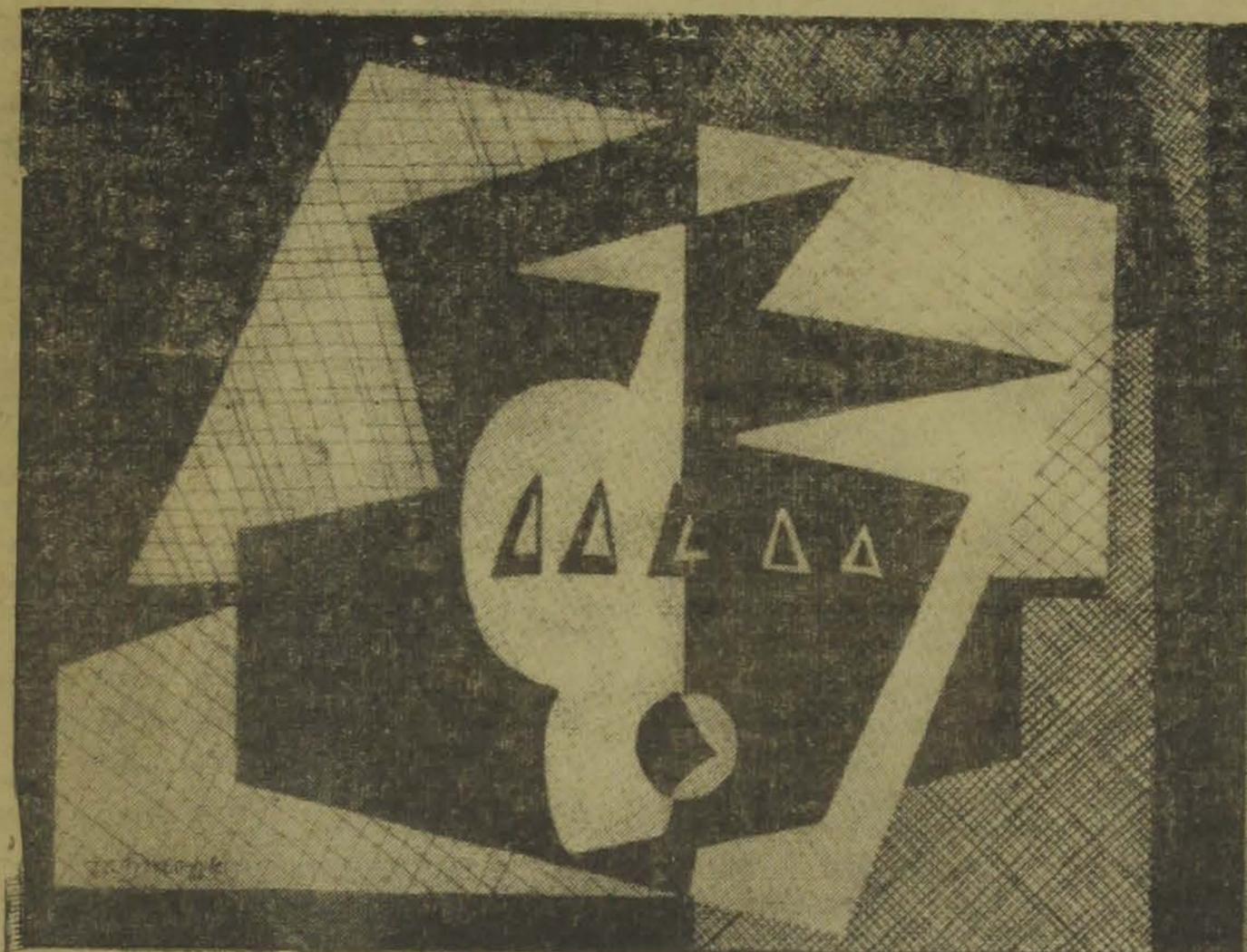
*É doce o pensamento da morte
quando o corpo exausto de prazer ou de dor
sofre os seus limites.
E' doce o pensamento da morte
quando o espírito enfraquecido pela revolta
não se aplaca nem mesmo diante de Jesus.
Morte, suave música da morte,
devolve-me ao sono inicial de antes do pecado.*

*Não quero o côro dos anjos nem a palma da
[glória.
Talvez eu queira o nada absoluto.
[Até mesmo o pensamento da morte ainda é
[vida!]*



DE PISIS — NATUREZA MORTA

Artes Plásticas



DESENHO DE EMILIO PETTORUTI

EMILIO PETTORUTI

FLÁVIO DE AQUINO

EMILIO PETTORUTI, artista dos mais sérios e considerados da América, apresentou, sob o patrocínio do I. A. B., uma pequena amostra de sua obra, já vantajosamente representada em numerosos museus e coleções particulares do Velho e do Novo Mundo.

Nascido em 1895, em La Plata — República Argentina — cedo partiu para a Itália, com uma bolsa de estudos. Depois de ter participado de várias exposições coletivas, realiza a sua primeira exposição individual, em 1916, em Florença. A partir de então, realizou numerosas exposições na Itália, Alemanha, Austria, e França, tendo em 1921, estudado na Alemanha e vinculando-se ao movimento moderno de Munique. Depois da sua

em 1823, em Berlim, foi publicada a primeira monografia sobre o artista, por uma editora especializada da capital alemã.

Em 1924, retorna ao seu país, e começa, por meio de exposições e conferências, uma intensa luta pela divulgação e compreensão das novas tendências artísticas, que eram motivo de incompreensão, senão de injúria. A apresentação de suas obras desencadeou no ambiente portenho uma agitação jamais registrada na história das artes argentinas.

Em 1930, foi nomeado diretor do Museu de Belas Artes de La Plata, cargo que exerceu até 1947, quando foi demitido, e onde teve ensejo de promover uma série de exposições de artistas de todo o mundo, exposições estas que eram a-

presentadas depois pelos vários museus provinciais, trabalho que teve enorme repercussão e influência decisiva no desenvolvimento da pintura moderna em sua pátria.

Nesse interim, funda revistas de arte, escreve artigos, dá cursos, realiza conferências. Em 1942, é convidado a observar nos Estados Unidos a organização de museus e a expor em São Francisco, no Museum of Art.

Em 1943, realiza em Nova York uma exposição individual, que circulará logo após por diversos museus americanos. Nesse mesmo ano promove grande mostra retrospectiva em Buenos Aires.

A obra de Pettoruti, conhecida e divulgada em inúmeras publicações espe-

cializadas, tem sido motivo de extensos elogios e estudos de críticos da força de um Marinetti, Carlo Carrà, Julio Payró, Julio Rinaldini, Jorge Romero Brest, Leonardo Estarico, Córdoba Iturburu, Guilherme de Torre, Joaquim Torres Garcia, Ricardo Guiraldes, José Leon Pagano, Alfred Frankenstein, M. P. Bardi e Marguerita Sarfatti.

Ao ser apresentada no Brasil, pela primeira vez, a obra de um artista tão considerável, não devemos esquecer que estamos também diante de um amigado artistas brasileiros, pois deve-se a ele, quando ainda diretor do Museu de Belas Artes de La Plata, em 1945, a primeira exposição de pintura moderna do Brasil realizada na Argentina.

A MÚSICA CONTINUA

CARLOS DA SILVA ARAUJO

VENEZA regorgia de turistas.

Acorrem de todos os quadrantes. Túnicas indianas misturam-se com calções escoceses. Gorras, maometanas com shorts americanos. Gondolas desfilam pelos canais. Das janelas ou das pontes ouvem-se todos os idiomas da terra. Feira imensa. Multidão variada. Há *ladies* e *lords* ávidos de conhecer agora o velho palácio gótico dos Gritti, hoje um dos primeiros luxuosos hotéis da cidade dos dodges, e onde, há dois anos ou poucos mais, a princesa Margaret veio passar lua de mel de herdeira do trono do grande império, ainda convalescente e meio debilitado da tremenda refrega da grande guerra.

Como todos os anos faz, a *Ente Provinciale per il Turismo* organizou atrações numerosas para 1949. Entre essas, em execução o *XII festival internazionale di musica contemporanea*. Em homenagem a Wagner, Parte do *III autunno musicale veneziano*, da "biennial de Veneza".

Entre os concertos sinfônicos a que tive a alegria de assistir, esteve o que realizou na sala admiravelmente decorada, com riqueza e gosto, do Teatro La Fenice, a Orquestra Sinfônica de Turim, sob os auspícios do Rádio Italiana e a direção impecável e graciosa do Rafael Kubelik.

O programa é de novidades: "Três hinos à paz, op. 27, magnificat, prière e fantasia" de Alexander Spitzmueller, em primeira execução na Itália; "Salmo CL", com tenor (Tomaso Sparturo) e câro, de Roberto Lupi, em primeira

absoluta, isto é, em todo o mundo; "Sei Monologhi", da ópera *Jedermann*, de Hugo von Hoffmannsthal, pela *mezzo soprano* Elsa Cavelti, acompanhada pela orquestra, em primeira execução na Itália; e finalmente "Musique pour orchestre" (Allegro, élégie e scherzo), de Alexander Tansman, também em estréia absoluta.

Um espetáculo por tanto, novíssimo.

Nesta hora, de angústia e ansiedades universais, em que estadistas, sociólogos e economistas lutaram arduamente para recompor e manter uma civilização periclitante, em que a Arte se contorce em espasmos e esgaras no desejo de se renovar e ser original, era natural que, ao cruzar o vestibulo da Fenice, a suspeição me acompanhasse. Que iria assistir? A alguma coisa como aquela exposição de pintura moderna que vi na mesma tarde, pouco depois de haver percorrido, com unção profunda as joias artísticas da *Basilica de Santa Maria Clorissa dei Frari*; depois de me haver ajoelhado, movido pela emoção de beleza pelo menos tanto quanto pela crença religiosa, ante a *Assunta e a Madona di Cá Pesaro*, de Ticiano, e *La Vergine col Bambino* e *Santi*, de Bellini?

A expectativa é ansiosa. Que seriam aqueles hinos à paz de Spitzmueller, austriaco, expariado, autôndata, vivendo em Paris? Que seriam aqueles hinos escritos em 1944, embora o autor houvesse dito havê-los composto *nella incrollabile fiducia* na vitória final da liberdade do espírito? Os primeiros acordes tranquilizam. O velho e eterno romantis-

mo está presente em vestes novas. O espírito sorri com os prados em flor, com os campos lavrados, com a glória do sol e do trabalho. Se Schubert tivesse renascido, como a Fenix, patrona do teatro, neste século da atomicidade, talvez escrevesse aquêles hinos.

O Salmo CL de Lupi é o epílogo, a aleluia, da *Sacra Synphonia* (Nativitas-Stabat Mater), composta entre 1944 e 1948. O solista desenvolve o tema. O câro limita a resposta à palavra de fé e de glória. Aleluia!

Lupi, um milanês de menos de 50 anos, é um renovador da teoria harmônica e da estética musical. Mas renovador consciente. Conhecedor profundo das linhas clássicas. Apologista da chamada *Armonia di Gravitazione*, que entusiasma outros artistas: milanês, italianos e estrangeiros.

A sala aplaude calorosamente o Salmo.

Frank Martin, atinge agora aos 60 anos de idade. É titular da cátedra de música de câmara no Conservatório de sua cidade natal, a formosa Genebra, e de harmonia no Instituto Jacques Dalcroze. Os "Monólogos" para *mezzo-soprano* e orquestra, compostos para a *Jedermann*, de von Hoffmannsthal, receberam recentemente nova interpretação do autor. A senhora Cavelti, com voz poderosa e fresca deu grande relêvo a seu trabalho e foi das mais aplaudidas figuras da serata. O sabor wagneriano da música de Martin é notório. Não lhe falta a substância nem o peso.

A *Musique pour orchestre* de Tansman agrade plenamente. Foi

composta na América do Norte durante os anos em que lá se refugiou o autor um polonês: 1941-1946. A Crítica, que tem a veres... e outros motivos de que o amador, mais feliz, se encontra liberado, fêz-lhe restrições: agitação inútil, confusão, falta de fantasia e de idéias, estilo vário, harmonia diversa, contaminações e repetições fastidiosas. Todavia reconheceu-lhe técnica não aporística e lirismo, que ascende ao patético; insinuante doçura.

Sim. O amador é mais feliz. Pode ater-se aqúelle conceito de um dos grandes mestres do Renascimento: e *bello quel que piace*. Pode aplicar sem responsabilidades maiores o que lhe comove e agrada. Foi o que fêz a sala, evocando o compositor polonês, presente ao concerto. E com a sala a plaud, com entusiasmo, ora maior ora menor, aos contemporâneos da música, sumida mais promissora que os plásticos. Com efeito, salvas a arte decorativa, algumas criações de Walt Disney e seu staff, certas concepções para a publicidade comercial, em cartazes e páginas de anúncios, parecem esgotadas, em toda parte, os filões da pintura de cavalei. Diante dela, da pintura atual não conseguiu me comover nem na Inglaterra, nem na Escócia, nem na França, nem na Suíça, nem aqui na Itália. Mas depois do concerto da noite passada, assim me parece: a Música continua.

Veneza, setembro de 1949.

SOBRE EDMOND JALOUX

FRANCIS DE MIOMANDRE

DEVO confessar aos meus leitores, com sinceridade, que vai ser difícil para mim guardar nas linhas deste artigo, as normas de uma objetividade absoluta. Com efeito, por que ocultar isto? Uma profunda amizade, que datava da nossa adolescência, me ligava a Edmond Jaloux e sempre tive, em igual nível, afeição pelo homem e admiração pelo escritor. Mas todos nós sabemos que, nesses assuntos, a simpatia pessoal só pode aumentar a perspicácia do crítico, e, também que a sensibilidade, longe de lhe ser oposta, é muitas vezes aguçada pela clareza da inteligência. Jaloux fazia parte, justamente, dessa família de espírito, — muito raro — que entendem não sacrificar nenhuma dessas duas preciosas fontes de emoção e de compreensão. O fato de amar alguém faz com que se empenhem em melhor conhecê-lo e quando o conhecem ficam redobradas as razões do afeto. Foi um espetáculo impressionante para mim assistir essa dupla eclosão, numa alma de homem. Desde a sua mocidade, muito novo ainda, Edmond Jaloux demonstrou ser um poeta, dos mais entusiastas e fervorosos, sempre sem deixar de ser uma inteligência curiosa por todas as possíveis manifestações da arte e do pensamento. Assim, vimos ir se firmando nele, na época de todos os exagêros, um equilíbrio mental excepcional. Lembro-me perfeitamente da consideração que lhe testemunhavam todos os do nosso pequeno grupo, por causa daquela calma e daquela serenidade e do bom senso superior para o qual, a todo instante, recorriamos no decurso das nossas veementes discussões de novíços bisonhos. Isto se passava, mais ou menos, em 1900 em Marseille, e Jaloux, que foi desde logo uma espécie de nosso Mentor, assumiu rapidamente o papel de chefe de escola, daquela famosa «escola marsehesa», de que Albert Thibault falou com tanta bonomia e na qual figuravam os mais diversos espíritos — de Gil-

bert de Voisins a Joachim Gasquet, de Albert Erland ao autor destas linhas. Escrevia então, com uma pena ágil e elegante, molhada na tinta multicolorida do simbolismo, novelas de um delicioso sentimento decorativo e (contraste bem significativo) romances burgueses, de uma amargura seca e sadia, onde o seu precoce conhecimento da vida se afirmava com singular autoridade. A «Agonie de l'Amour» e a «École des Mariages», edição do «Mercure de France», Paris, eram então, se assim posso dizer, os dois polos da sua inspiração. Era suficientemente artista para não procurar uma «forma» susceptível de conciliar essas duas tendências e, de fato, encontrou-a logo, tanto que, alguns anos mais tarde, o Prêmio «Femina — Vie heureuse» consagrou esse êxito coroando a emocionante novela intitulada «Le reste est silence», publicada por «Pion Editeur — Paris», seguida depois por tantas obras primas.

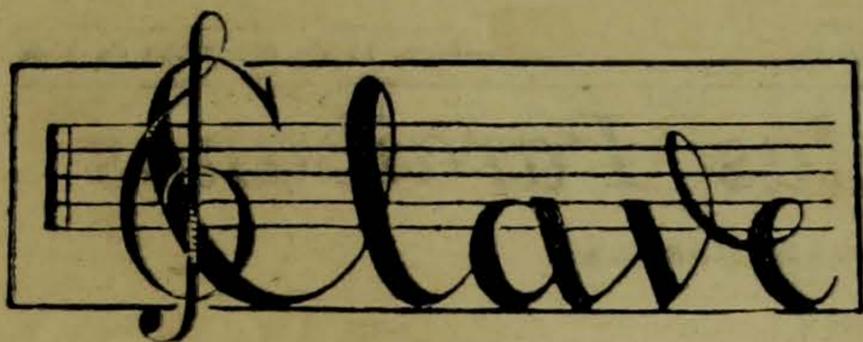
Entretanto Edmond Jaloux adquiria, sem nada dizer, uma erudição quase universal, servida aliás por uma memória verdadeiramente maravilhosa. Os que puderam gozar da sua conservação ficavam surpreendidos, menos talvez, que com a graça e a vivacidade encantadora e, ao mesmo tempo, uma cortesia infatigável. Nunca o vi humilhar ninguém, nem procurar aparecer á custa dos outros. Ele, que sabia tantas coisas, tinha a arte de ouvir com deferência os ignorantes e os frívolos, sempre considerando que, se o soubermos fazer, podemos tirar do ente em aparência, o menos interessante, ignorados tesouros psicológicos. E, nisto, ele se mostrava um romancista de raça. Está aí, se refletirmos bem, uma das razões da sua imensa superioridade como crítico. Porque, para os críticos comuns, o jogo consiste em comparar diversas obras, umas com as outras, e julgá-la em seguida de acôrdo com certas regras, mais ou menos baseadas nessas comparações.

Para ele, a cogitação era muito diferente — tratava-se de descobrir as relações que uniam a obra ao que a havia criado, isto é, ao que havia de mais íntimo, de mais verdadeiro e de mais secreto na sensibilidade. Era servido por uma intuição prodigiosa nesta tão delicada operação. Penso que nunca o surpreendi em flagrante delito de erro quando procurava esse nó vital, esse palpitante e carnal detalhe do enigma. E é isto que dá á sua produção crítica inteira esse não sei quê de infalível em que a autoridade superior de um julgamento definitivo se casa tão estranhamente com a comóvente efusão de uma simpatia sentimental, por assim dizer inesgotável. Os que durante perto de 20 anos, seguiram os seus admiráveis folhetins das «Nouvelles Littéraires» podem dar testemunho. E, de fato, quanto mais o tempo passa, mais nos apercebemos da grandeza dessa obra impar, que veio, por assim, dizer, coroar nestes últimos tempos, a sua magnífica «Histoire de la Littérature Française», edição «Milieu du Monde», ao mesmo tempo tão nova e tão clássica. E, por falar em clássico, Jaloux o era, com efeito. Era pela importância que sempre deu á razão, pelo magnífico escrúpulo da sua linguagem, tão perfeita e tão pura. Mas, era também um romântico e de grande raça: pelo seu fervor, a sua extrema sensibilidade, e seu amor pela natureza e por aquele senso que ele tinha da situação da alma humana na ordem universal. Es-

tão aí qualidades que o aproximavam curiosamente de um homem como Goethe, que foi sempre para ele o modelo ideal. Não foi em vão que trabalhou incessantemente para merecer esse belo nome de Europeu sendo aliás, hoje, o único talvez que o possa usar. Não foi, também inutilmente que escolhera, como um dos sítios em que mais gostava de viver, esta Suíça, que se encontra no meio da Europa como o pendulo de uma balança cujos pratos estão repletos das mais diversas culturas.

E como não ficarmos impressionados com a coincidência de, antes de morrer, ter ele conseguido acabar o seu belo livro sobre o poeta e o pensador cujo papel sonhava desempenhar, numa Europa arrazada e, tenho esse receio, bem pouco capaz ainda de compreender o benefício que poderia tirar de cérebros semelhantes para o triunfo das suas élites e a felicidade dos seus povos. Mas, porque desesperarmos, já que apesar de tudo, um Edmond Jaloux era acatado? Esse nobre sucesso não era devido somente ao seu talento (esplendidamente afirmado por 40 romances e uma vintena de volumes de crítica), mas, ainda e sobretudo, á sua qualidade de homem, ao ideal que ele servia, á radiosa perspectiva que o seu grande coração entrevia. Por que ele sabia (o que tantos outros esqueceram) que a Inteligência e o amor da Beleza são as mais preciosas garantias da Paz entre os homens.





CELESTINO & CIA.

JOAO DA VEIGA CABRAL

OUTRO dia apresentou-me um velho camarada um seu sobrinho, menino de dez anos de idade, que é o orgulho musical da família.

— Este menino — afirmou êle — é um danadinho. Vai ser, na certa, um grande cantor. Tem muito «ouvido» e um pulmão de aço...

Abracei, enternecido, o garoto, um moreno simpático, meio franzino, de pernas finas, testa larga e olho vivo. Sinto, sempre, uma grande alegria quando topo com uma criança que revela uma queda séria para a música. Indaguei, logo, do tio:

— E' mesmo? Então, que faz êle?

— O que faz êle? — explodiu o amigo, entusiasmado — Ainda não está estudando música, ainda não sabe nada. Mas imagine você que o bichinho já canta que é uma belesa! Já imita, direitinho, o Vicente Celestino!

E despedindo-se, com as bochechas infladas do mais perfeito contentamento familiar:

— Mas é uma graça, rapaz! Mesminho o grande Celestino!...

E lá se foi, conduzindo a reboque o geniosinho, o futuro substituto do cantor cuja fama nacional é um infeliz porém autentico atestado da ignorancia e do máu gosto musical que ainda obsecram o tino artistico de um povo inteiro. O que eu havia de dizer, porém, ao meu pobre velho conhecido, tão cheio de sincera, ingênua, abestalhada admiração pelo astro «sublime» dessa estúpida bebedeira lírico-cinematográfi-

ca que foi «O Ébrio», delirantemente aplaudida por todo o País, de Norte a Sul? Porque é uma verdade danada de se constatar, mas é verdade mesmo: Vicente Celestino é o tal. E' o bichão do canto popular urbano brasileiro. O seu berreiro chinfrim — refugo intestinal do bel-canto europeu do Século XIX, confeitado de um romantismo reles — tocou tão de perto a inocencia artistica do nosso povo que este o elegeu, quasi unanimemente, como o seu cantor bem amado, o «divo», o melhor entre todos. Adoram-no cidades que são os grandes centros culturais do Brasil, como Rio, S. Paulo e outras do Sul. A voz, essa caricatura sórdida, repugnante daquele milagre de sonoridade e de veemencia que foi a de Eurico Caruzo, é atualmente gravada em milhares de discos. E estes, adqueridos, arrebatados por outros tantos admiradores incondicionais, como se adquirem as joias raras de uma arte única, que jamais se reproduzirá pela face da terra...

Direitinho como aquele desgraçado menino, sobrinho do meu desorientado conhecido, — a quem peço perdão destas palavras que não tive jeito de dizer-lhe pessoalmente — milhares de jovens se exercitam, por toda parte, a imitar aquele mixto de úivo, de ânsias asmáticas e de roedeira aguardentada de que se constitúe a «voz celestial» do glorioso Vicente Celestino. E conseguir essa imitação... que maravilha, minha gente! E maravilha porque... ela atesta, simplesmente, uma grande vo-

cação para o canto. E' isso mesmo e, por hora, não ha remédio possível.

Tinha muita razão Villa-Lobos quando declarou, outro dia, a uma revista do Rio que as atuais gerações brasileiras estão perdidas para a Música, isto é, para uma boa e esclarecida prática musical. E que uma cultura musical verdadeira só se poderá conseguir com uma integral educação de futuras gerações... Por agora estarão de cima, bem firmes, os Celestinos e companhia. Somente uma minoriasinha de nada ainda protesta. Mas, somente um berro daquela canção do «O Ébrio» abafa tudo. Salvê eles!

— X —

Inimigo, eu, do canto do meu povo? Qual nada! Desaffio quem, na Paraíba, possua uma discoteca mais mimosa, no gênero. Os lindos sambas, frevos, valsinhas-canções são, para o meu paladar muitissimo brasileiro, um apetitoso doce de cajú em calda que eu devoro, gostosamente,

todos os dias. Sinto, na gustação dessas composições meio intuitivas, meio eruditas às vezes, os temperos fortes, o açúcar sentimental com que as «três raças tristes» elaboraram e estão elaborando a nossa Música de hoje, a nossa Música do porvir. As constancias melódicas, harmônicas, sentimentais são percebíveis nelas, sem esforço. Cantam-nas, os nossos verdadeiros cantores populares, um Pedro Raimundo, um Dick Farney, um Francisco Alves, um Sílvia Caldas, e tantos outros, com um jeitão em que se sente o Brasil. O cantor brasileiro já está perfeitamente definido e a gente poderá identificá-lo, prontamente, em qualquer parte do mundo em que o possa ouvir.

Mas, o que diabo se poderá encontrar de artista de brasileiro, de cantor em Vicente Celestino, esse palhaço lírico, esse fastama ridículo de um canto moribundo, de um mundo diferente, de um século que se foi?



MICHAEL AYRTON — O SOM DO MAR

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

MAURO LUNA

1897 — 1943

MAURO LUNA nasceu no dia 27 de julho de 1897, na cidade de Campina Grande, sendo filho de Baltazar de Almeida Luna e de Maria da Cunha Luna, já falecidos. Iniciou os estudos no "Colégio S. José do prof. Clementino Procopio, onde fez o curso primário. Em 1916 foi redator do semanário "A Razão", órgão oposicionista local. Em 1920 fundou o "Instituto Olovo Bilac", extinto, que funcionou até o ano de 1934. Em 1924 reuniu e publicou em volume todos os seus versos sob o título "Horas de Enlevo". Foi também redator do semanário "Voz da Borburema" e prof. do curso secundário dos ginasios Imaculada Conceição e Pio XI. Em 1943 é convidado a tomar parte como membro na Academia Paraibana de Letras, indo ocupar a cadeira cujo patrono é Irineu Jofili, renomado historiador paraibano. Empossado, por procuração, não chegou a fazer porém o elogio do patrono marcado para 15 de dezembro de 1943 por ter falecido no dia 23 de novembro daquele ano.

Publicou: "Horas de Enlevo" — poesia — Ed. T. Barros & Ramos — Campina Grande — Paraíba — 1924.

O PAU D'ARCO DA DIVISA

Velho pau d'arco altivo! Eu te contemplo a inquieta
Vida na solidão! És o remanescente
De uma flora gentil, que, de encantos repleta,
Teve os beijos da aurora e o triste adeus do poente...

Mas, a selva tombou! Somente tu, somente,
Resistes, na altivez dessa expressão de atléta!
— Nem te amolga o rigor do vendável fúrente,
Nem o clima te abate a compleição ereta.

Não és, só, um tristonho, anoso e obscuro marco,
Um fantasma qualquer, ó meu velho pau d'arco,
Mas, de antigos heróis, a fulgida expressão!...

Sentes, talvez, de um mundo extinto, a agra saudade!
E sofres só! e embora assim, na adversidade,
Floresces, perfumando a própria solidão!...

O PAU D'ARCO AMARELO

Sobranceiro, a ostentar o fulgido diadema,
Ei-lo, saudando o sol, na vastidão do sereno!...
— Quem já viu, no escampado, um mais formoso poema,
Tão lindo que do artista as emoções desperta?...

Emblema da ansiedade e da beleza emblema,
Arvore secular, de flôres recoberta,
Embora ante a intemperie, algumas vezes trema,
Tem, nas flôres gentis, uma divina oferta!...

E quando o astro da noite, em êxtase flutua,
O pau d'arco recebe os ósculos da lua,
Balançando, de manso, a cabeleira em flôr...

Na sua coma ondeante, abriga a passarada...
E põe, na insipidez da terra abandonada,
Uns resquícios de sonho e uns sussuros de amor!...

O PAU D'ARCO ROXO

Sonhador do deserto! Eu, às vezes, me ponho,
Sozinho a meditar sobre o mistério teu...
— Tua coma, é, talvez um pedaço de sonho,
O moto tutelar que algum santo perdeu!...

Teu tronco, ao ver revocando êsse manto, suponho
Logo o chamou a si, e, em êxtase, o prendeu...
— Tronco, essencia talvez de algum poeta tristonho,
Que se foi e que em ti, afinal, reviveu!

Quando encoras a luz, fitando o azul cobalto,
Tétrico, a estremecer, todo em ansias para o alto
Nessa expressão de dôr, doce e sentimental,

Vejo em tí, sonhador, uma revivescencia
De Abreu, que se partiu tão chelo de inocencia,
De Varela talvez ou talvez de Quental!...

RETORNO

Quando o inverno, a espargir, pelas chapadas, pelos
Vargedos e grotões, a força fecundante,
Surge, no amplo sertão, da desdita aos apêlos,
E oiro corre, e a terra brota, e, instante a instante,

Fulgem, na imensidão, relâmpagos — radiante
Prenuncio da extinção de negros pesadelos —
E ribemba o trovão nas alturas, distante,
Os montes e alcantãs, de choque, a estremecer!

O s' ranejo, entregue ás agruras do exílio,
Ouve o estampido e vê, do relâmpago, o brilho,
Mal podendo conter a súbita emoção!...

A lembrança do verde e um clarão de esperança!
E volta... e amanhã a terra... e, finalmente alcança
Vida alegre e feliz dentro do seu sertão!...

CAMPONIO...

Quem te vê, não pressente, ás mais das vezes quanto
Sabes interpretar, de alma leve e impoluta,
A poesia da terra! o aerisolado encanto
Em que, da Natureza, a grande voz se escuta!

Arroja o campo! e, voltado à labuta,
Alheio á magua, alheio ao tédio, alheio ao pranto
Quando a seara germina, a tua alma perscruta
A sublime expressão desse verde recanto!...

Que o campo, para tí, é, como um céu aberto,
Quem te vê, sonhador, não presume, por certo,
Onde, aos mimos de em torno, enlevado sorrís!...

Não se lembra, talvez, que, dos grãos que semeias,
Nasceu flôres, sorrindo! e nascem, ás mancheias,
Frutos que vais colher, ó sonhador feliz!...